

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Lição 7 - Afirmação e confronto

Marcos 9

Elaborado por Gerson Berzins
gerson@pibrj.org.br

Amados ouvintes. Temos a oportunidade de continuar considerando o Evangelho segundo Marcos, agora nos voltando para o capítulo 9.

Relembrando, desde o final do capítulo 8 e até o final do capítulo 10, o evangelista enfatiza os ensinamentos de Jesus aos seus discípulos. A proximidade da Páscoa tornava iminente essa preparação, pois Jesus iria mais uma vez para essa que era a festa religiosa maior do seu povo, em Jerusalém, e ali seria preso, julgado e crucificado.

Esse preparo do Mestre não consistia apenas das palavras proferidas, como hoje entendemos o ensino na formação escolar tradicional. Jesus e os discípulos conviviam juntos e todas suas atividades e interações com outros eram oportunidades pedagógicas, reforçando sem dúvida os conceitos e revelações que o Mestre ia apresentando. É isso que vemos ao longo destes capítulos. Embora o relato apresente uma diversidade de eventos, em todos vemos a ênfase na formação dos seguidores. É uma jornada, uma caminhada em direção ao conhecimento pleno das verdades divinas. É uma caminhada não sem tropeços, que intercala momentos de profundas experiências espirituais com situações de imaturidade, ignorância e disputas por destaque. Assim podemos ver a nossa própria jornada espiritual como reflexo dessa experiência dos discípulos com o Mestre, nestes últimos momentos de sua convivência nas terras da Galiléia.

Vamos aos fatos:

A transfiguração (v.2-8) – Três discípulos formavam o círculo íntimo do Mestre.

Vemos isto repetidas vezes. Aqui, os três, Pedro, Tiago e João, são chamados para acompanhar Jesus a um alto monte e se tornam testemunhas de um fato extraordinário. Diante deles, o Mestre se transfigura e dois personagens do Velho Testamento, Elias e Moisés, se juntam a ele. É importante que aceitemos o testemunho aqui apresentado como de um fato efetivo, não uma visão ou alucinação. Foi a demonstração maior da origem divina do Mestre que os três discípulos tiveram até aquele momento de sua convivência com Jesus. O temor e o espanto, naturalmente, tomaram conta deles. Não sabiam o que fazer ou o que dizer, a não ser Pedro, que na sua impulsividade propõem construir cabanas para abrigar Jesus e seus visitantes. Como Jesus se transfigurou; como o tecido de sua roupa foi transformado; como Elias e Moisés foram identificados como tal são curiosidades que permanecem. A voz dos céus confirma a divindade de Jesus e a transfiguração termina de modo imediato.

A descida do monte (v.9-13). Retornando para o restante dos discípulos, Jesus exige que o fato presenciado seja mantido em segredo até que Ele próprio ressurgisse dos mortos. Nos é claro que o texto do evangelho escrito em retrospectiva de toda a vida de Cristo reconhece que no momento do fato os discípulos não estavam conseguindo captar em toda a extensão o que Jesus lhes estava dizendo. E o assunto se redireciona outra vez para os escribas que questionavam sobre tudo. O entendimento dos escribas era que Elias (que não viu a morte, pois foi levado aos céus) retornaria antes da vinda do Messias. Assim, para eles não era possível validar Jesus como o Messias, porque não viram Elias retornado.

Jesus, porém, afirma que Elias veio, certamente se referindo à obra precursora de João Batista.

A impossibilidade dos discípulos expulsarem um demônio (v.14-29). Os discípulos que não acompanharam Jesus na subida ao monte estavam enfrentando uma dificuldade, em meio a questionamentos formulados pelos escribas e a multidão que tudo acompanhava. Logo o Mestre se intera do que está ocorrendo: Um pai buscava a libertação do filho, atormentado por um demônio da pior categoria, que inclusive atentava contra a vida daquele filho. Os discípulos não conseguiam expulsar o demônio e, em desespero, o pai suplica pela compaixão de Jesus, que diante de tal prova de fé liberta o filho. Este é o último dos milagres de libertação demoníaca que Marcos registra, e também serve como lição prática para os discípulos a respeito dos poderes satânicos. Indagado, Jesus recomenda que tais casos devam ser tratados não com poderes humanos, mas com muita oração e jejum.

Última passagem pela Galiléia (v.30-37). A informação do verso 30, de Jesus retornando à Galiléia, sugere que parte dos fatos apresentados desde 7.24 ocorreram fora do território judeu. Em rápida passagem pela região da Galiléia, antes de se dirigirem para a Judéia, Jesus pede aos seus que esse retorno à sua região de origem seja reservada e mantida à distância da curiosidade popular. Mais uma vez o Mestre alerta a respeito da sua prisão, morte e ressurreição, cada vez mais próximas. Os discípulos continuavam sem entender o sentido desse ensino, e por temor optam por não interrogar Jesus a respeito do que realmente significava o que ele estava lhes dizendo.

A imaturidade se revela mais uma vez, quando Jesus lhes indaga a respeito do que discutiam no caminho. Jesus sabia, mas os discípulos se calaram a respeito, pois discutiam sobre quem dentre eles seria o mais importante. O Mestre então lhes

ensina a respeito da humildade e prontidão de serviço que deve caracterizar o trabalho cristão: “...se alguém quiser ser o primeiro, será o derradeiro de todos e o servo de todos” (v.35).

A verdadeira disposição para servir (v.38-50). Por variadas razões, o relato final desse capítulo desperta interesse e curiosidade. Havia alguém mais expulsando demônios utilizando-se do nome de Jesus. Por não ser do grupo, os discípulos o proibem. Os discípulos não conseguiram expulsar o demônio do relato anterior, mas havia alguém que conseguia. Jesus utiliza o fato com propósito de ensino. Neste relato, há declarações de Jesus bastante difíceis de serem entendidas. Pode nos parecer controversa, com potencial de gerar muita polêmica. Mas, há um sentido geral da palavra do Mestre, e ela se encaminha para a disposição e disponibilidade para o serviço. Devemos nos esforçar para produzir obras boas. Devemos nos esforçar para eliminar tudo aquilo que é empecilho para as boas obras. Quem não é contra nós, é por nós. O que não ajuda, atrapalha. Este é o grande desafio do apreender com Jesus: Nos tornar seres produtivos, úteis, abençoadores, que façam diferença em todos os lugares que estivermos, em todas as empreitadas que nos envolvermos.

“Bom é o sal; mas, se o sal se tornar insípido, com que o haveis de temperar? Tendes sal em vós mesmos, e guardai a paz uns com os outros”. (v.50)